Atitudes sociais: Igualdade de género e confiança interpessoal

Miguel Carter

Vozes do Povo: Sociedade, política e opinião pública na Guiné-Bissau
Miguel Carter e Carlos Cardoso, organizadores
Bissau: DEMOS, 2021.
Primeira impressão, janeiro 2024.

© 2021 União Europeia. Todos os direitos reservados.
Esta publicação foi produzida com o apoio financeiro da União Europeia. O seu conteúdo é da exclusiva responsabilidade dos autores e não reflete necessariamente a posição da União Europeia.

3
Atitudes Sociais: Igualdade de Género e Confiança Interpessoal

Miguel Carter

A pesquisa de mineração e análise de dados do inquérito Vozes do Povo, de 2018, criou vários instrumentos para aprofundar a compreensão da sociedade guineense. A informação produzida a partir desta investigação gerou uma riqueza empírica notável, com base na combinação de índices e indicadores que permitem uma nova leitura da Guiné-Bissau. Este capítulo revela alguns dos dados conseguidos com relação ao apoio à igualdade de género e a confiança interpessoal neste país.

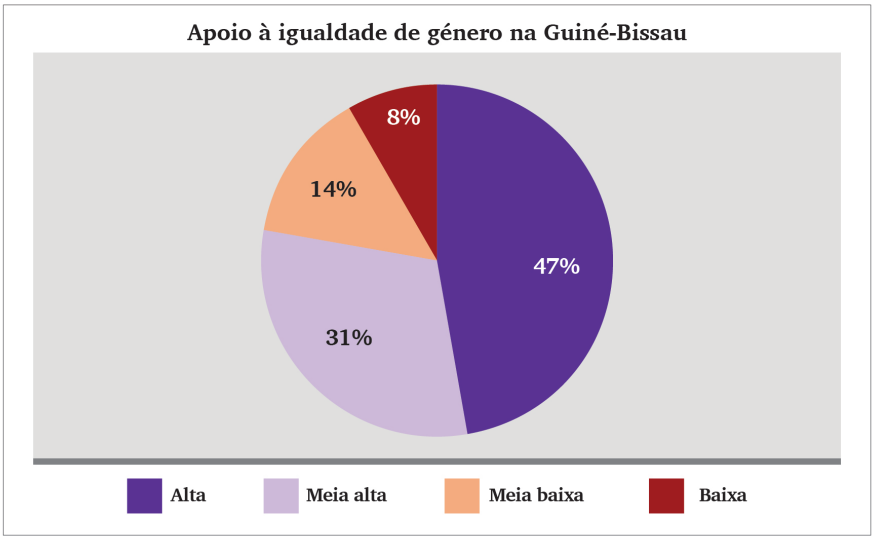
Neste estudo é possível constatar duas aprendizagens. Primeiro, a ampla simpatia pela igualdade de género na Guiné-Bissau pode fortalecer os esforços por efetivar esta mudança social. Segundo, a confiança interpessoal é um ativo mobilizador na sociedade guineense.

Igualdade de Género

A igualdade de género é fundamental para o desenvolvimento democrático. Ela ampara-se na equidade de direitos, responsabilidades e oportunidades entre homens e mulheres. A promoção deste princípio tem facilitado a inclusão das mulheres na vida cívica do país e nos processos de governação. A maior participação feminina tem estimulado, por sua vez, a adoção de políticas públicas destinadas a reforçar esta dinâmica inclusiva e efetivar os direitos das mulheres.

Para avaliar o apoio à equidade de género na Guiné-Bissau elaborou-se um índice com base em três componentes, ligados ao apoio à igualdade de:

- oportunidades para a **eleição de mulheres a cargos públicos**
- direitos a **possuir e herdar a terra**
- **direitos e trato entre homens e mulheres,** desdenhando a sujeição feminina às leis e costumes tradicionais.



Na Guiné-Bissau há uma ampla simpatia pelo princípio da igualdade na relação entre homens e mulheres. Quase metade da população (47%) apoia esta causa com muita força. Outro segmento, pouco menos de um terço dos guineenses (30%), respalda-a com uma intensidade menor. Esta orientação mais igualitária alcança 77% do povo. Com isto cria-se um ambiente propício para pôr em prática estes princípios e atenuar a resistência – discreta ou aberta – à mudança social em curso.

Tudo isto se dá num **contexto em que ainda prevalecem fortes inequidades** entre homens e mulheres. A modo de ilustração, na Guiné-Bissau:

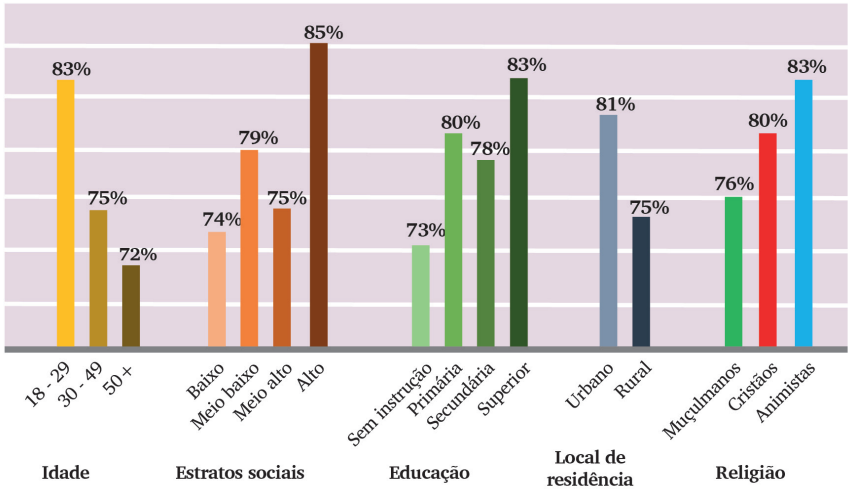
- 62% das pessoas do estrato social mais pobre são mulheres
- 54% das mulheres têm pouco ou nenhum acesso a meios modernos de comunicação, 14 pontos acima dos homens
- Dois terços das pessoas sem instrução formal são mulheres
- Sete em cada dez guineenses que vivem desligados da vida pública são mulheres
- 61% das mulheres dialogam pouco ou nada sobre política, em comparação com 43% dos homens.
- Entre os ativistas partidários, só uma em cada três militantes é mulher
- Na Assembleia Nacional Popular, de 102 parlamentares, a representação das mulheres é de apenas 14 deputadas (13,7%).

A luta por efetivar os princípios de igualdade de género enfrenta grandes obstáculos. Mas o apoio popular a este ideal é uma alavanca em favor da mudança social. **As mulheres são as principais propulsoras da transformação** em curso:

- 85% das mulheres têm uma disposição igualitária, e 56% delas defendem a equidade entre homens e mulheres com muita força.
- Apenas 4% das mulheres sustentam uma visão patriarcal mais dura e fechada, bastante menos que os homens, onde esta orientação chega a 13% desta população.

Ainda assim, vale destacar que sete em cada dez homens na Guiné-Bissau são partidários da equidade de género, cifra que não deixa de ser uma proporção relevante. Quase metade destes homens (37% do total) defendem a igualdade de direitos entre os sexos com forte convicção.

Apoio à igualdade de género: Perfil demográfico, territorial e religioso



Apoio à igualdade de gênero: Alto + meio alto. Percentagem sobre o total de cada segmento social.

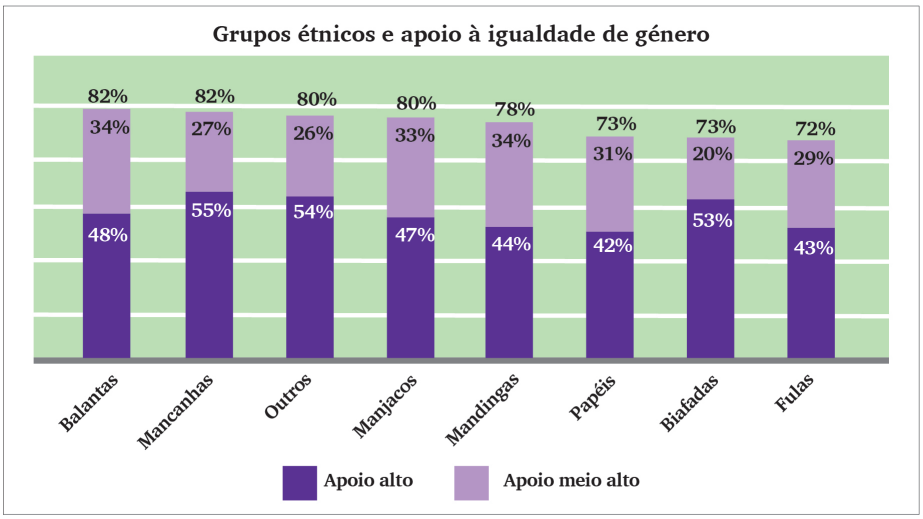
A amplitude do apoio a esta agenda igualitária tem o efeito de diminuir o impacto das variáveis demográficas que podem ajudar a explicar esta situação. No entanto, há algumas inflexões que merecem atenção. O quadro anterior oferece uma síntese destas tendências, considerando as pessoas mais favoráveis ao princípio de justiça entre os sexos.

Há um claro **efeito geracional** no apoio à igualdade de género. Os jovens são mais propensos a respaldá-lo do que as pessoas mais velhas. Por outro lado, a adesão é maior entre as pessoas do estrato social alto e aquelas com ensino superior. Contudo, o quadro acima revela que a correlação entre estratos sociais, experiências educativas, e a defesa da equidade entre homens e mulheres não é consistente.

A simpatia pela igualdade de género abarca todo o território nacional. Mas ela reflete um **acento mais urbano** que rural, ainda que a diferença entre eles seja bastante pequena. É por isso que este sentimento alcança níveis mais altos em Bissau (onde é partilhado por 81% da população). Contudo, a região do país com a disposição mais equitativa é Cacheu (83%). Em contrapartida, os índices de menor apoio encontram-se no Leste e Sul do país, particularmente em Gabu (71%) e Quínara (72%).

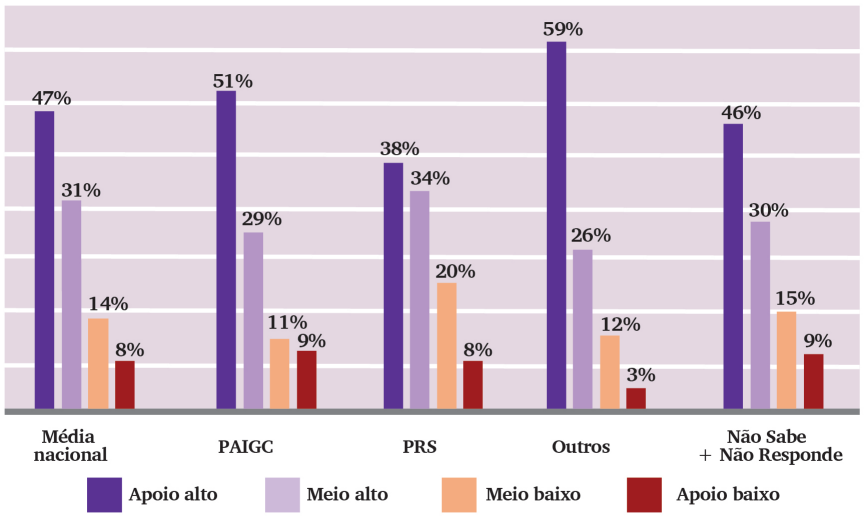
No **âmbito religioso** não há grandes contrastes. A disposição maior em favor da equidade de género encontra-se entre os animistas, e a menor na comunidade muçulmana. No grupo mais refratário a esta mudança social (8% da população nacional), seis em cada dez pessoas são muçulmanos. Na comunidade cristã, os católicos e evangélicos exibem uma orientação mais igualitária do que os que apenas se identificam como 'cristãos'.

Entre os principais **grupos étnicos** da Guiné-Bissau tampouco há variações significativas quanto ao apoio à igualdade de género. Os mais equitativos são os Balantas e Mancanhas, os últimos exibindo uma maior intensidade nesta adesão. A seguir estão os Manjacos e a somatória de uma constelação de grupos menores, entre eles Bijagós, Djolas, Mansoancas, Saraculés, Nalus, Cabo-verdianos e aqueles que se identificam apenas como Guineenses. A etnia com maior resistência à equidade de direitos entre homens e mulheres são os Fulas, grupo que inclui uma elevada população rural, com poucas oportunidades de estudo. Contudo, nesta comunidade o respaldo à posição mais igualitária é só cinco pontos abaixo da média nacional.



Em 2018, os dois principais **partidos políticos** da Guiné-Bissau eram o PAIGC e o PRS, que colhiam juntos a simpatia de 92% das pessoas com alguma identidade partidária. Entre eles havia algumas diferenças de apreciação quanto ao princípio da igualdade de género. O PAIGC tinha uma ala maioritária com uma forte posição em favor da equidade. Mas entre os aderentes do PRS, a intensidade do apoio era menor. Guardando as proporções distintas na adesão às forças políticas do país, percebeu-se que o respaldo mais alto à orientação igualitária se deu na somatória de um conjunto de forças políticas menores, que inclui o Grupo dos 15, movimento dissidente do PAIGC que em 2018 tinha 3% de aprovação, e logo constituiria o partido MADEM.

Identidade partidária e apoio à igualdade de género



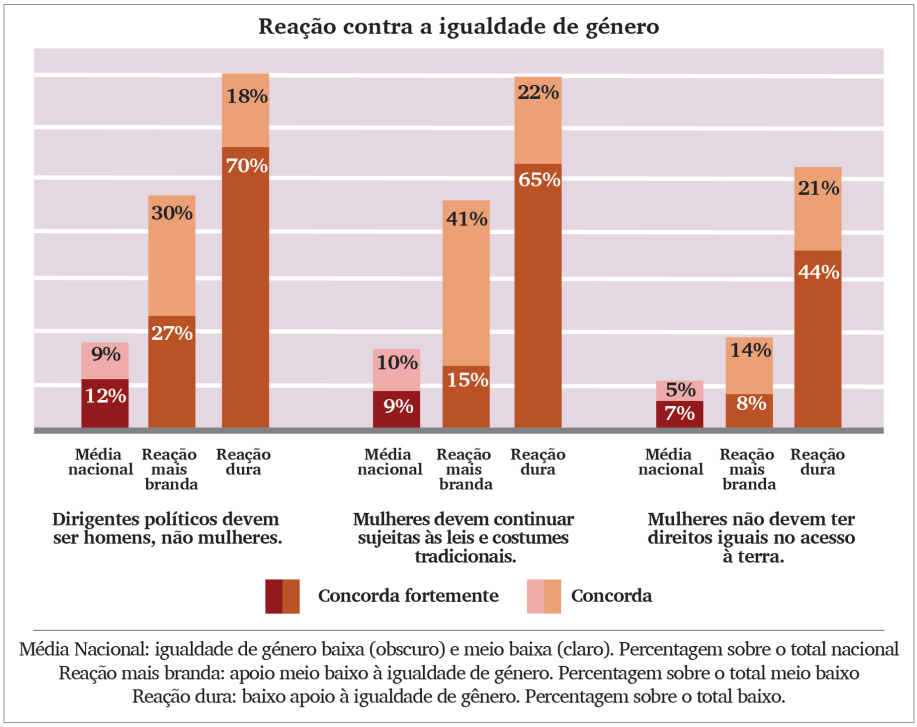
Em 2018, o PAIGC representava 42% do eleitorado, o PRS 21%, outros partidos e movimentos (incluindo o G-15) 5%. As pessoas sem identidade partidária constituíam 32% dos votantes. Percentagens sobre o total de cada agrupação ou opção política.

O **segmento mais refratário à igualdade de género** abarca 8% da população. Ele tende a ser mais velho e masculino: três em cada quatro pessoas conservadoras são homens. A maior parte deste grupo (68%) se informa através de conversações com familiares, amigos e vizinhos. Mas é uma população bastante politizada. Metade discute temas políticos com frequência, um terço atua num partido político, e uma parte expressiva (44%) participa com regularidade nas campanhas eleitorais.

Entre os militantes partidários, um em cada oito partilha de uma visão fortemente contrária à paridade de direitos entre homens e mulheres. No entanto, metade dos militantes tem uma perceção altamente positiva deste princípio.

Os reacionários exibem um apreço maior pelas forças da ordem – polícia, militares, tribunais, autoridades religiosas e conselhos de anciãos. São, usualmente, menos críticos da atuação do governo. De igual forma, exibem uma tendência a confiar mais no que está constituído, e desconfiar das alternativas em construção.

O acesso das mulheres aos cargos públicos é a questão que provoca a maior resistência entre os adeptos ao patriarcado, como revela o quadro seguinte. A rejeição das normas igualitárias que liberam as mulheres da sujeição às leis e costumes tradicionais segue em segundo lugar no foco da contrariedade. O assunto que provoca menor apreensão entre os reacionários é o direito igual a possuir e herdar a terra.



Média Nacional: igualdade de género baixa (obscuro) e meio baixa (claro). Percentagem sobre o total nacional
Reação mais branda: apoio meio baixo à igualdade de género. Percentagem sobre o total meio baixo
Reação dura: baixo apoio à igualdade de gênero. Percentagem sobre o total baixo.

Há pouca variação entre os mais igualitários e os patriarcais quanto ao nível de adesão e engajamento religioso. Mas entre os últimos há uma confiança interpessoal mais alta e uma tolerância social maior, sobretudo em relação à presença de estrangeiros. À diferença de outros países, a oposição à igualdade de género na Guiné-Bissau não conduz à intolerância étnica, religiosa ou em relação aos imigrantes, nem se nutre dela.

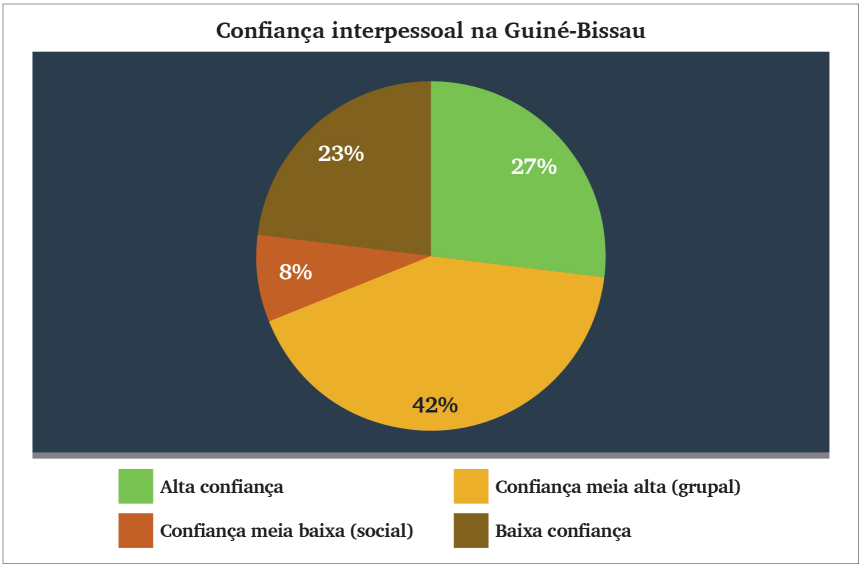
Confiança Interpessoal

A confiança facilita a cooperação em diversos âmbitos, desde a vida familiar e comunitária, até as relações de mercado e atuação na esfera pública. Para compreender a dinâmica deste capital social na Guiné-Bissau, criámos dois índices de confiança, uma social e a outra grupal. A confiança social é conferida de maneira ampla e geral; ela não se restringe a um círculo privado ou conhecido. A confiança grupal, por outro lado, é conferida a familiares, amigos e vizinhos, e a outras pessoas de proximidade social. A combinação dos dois tipos de confiança, em escala mais alta e baixa, permitiu produzir a seguinte matriz.

Confiança interpessoal: Matriz conceitual		
Confiança grupal	**Confiança social**	
	Baixa	**Alta**
Alta	**Confiança média-alta: mais grupal**	**Alta confiança interpessoal**
Baixa	**Baixa confiança interpessoal**	**Confiança média-baixa: mais social**

A confiança grupal é um passo fundamental para a construção de relações de confiança mais amplas. Pessoas que não podem confiar nas suas famílias e vizinhos podem ter uma confiança social mais elevada, mas dificilmente poderão alcançar um grau de alta confiança interpessoal. A informação produzida pela pesquisa confirma esta hipótese, demonstrando, inclusive, que a disposição à confiança inter-religiosa e étnica é mais forte entre os indivíduos com uma maior confiança grupal do que entre aqueles com maior confiança mais social. Com estes critérios conceituais – e a análise da evidência produzida – optámos por conceptualizar a confiança mais grupal como uma confiança média alta, e a confiança social como uma confiança média baixa.

Este marco analítico torna possível estimar o peso de quatro tipos de confiança presentes na sociedade guineense, como se pode ver no gráfico seguinte.

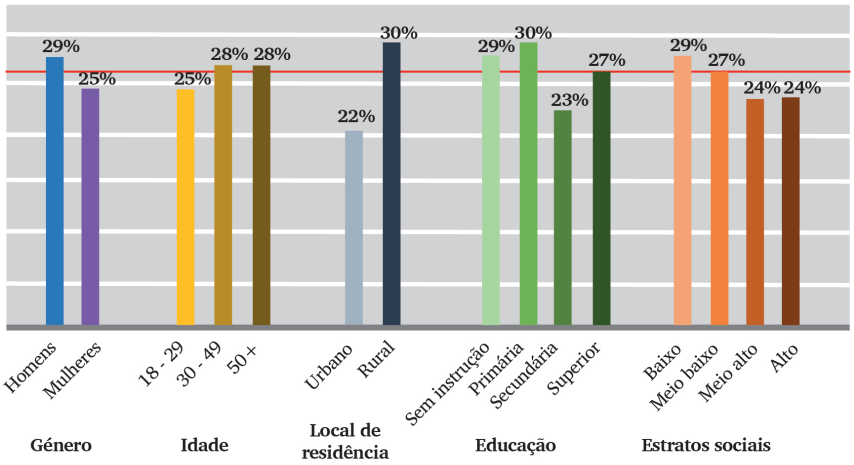


A confiança predominante na Guiné-Bissau é a confiança grupal: uma de cada sete pessoas tem-na numa proporção maior. Só um terço do povo tem uma confiança social mais alta. A combinação destas duas modalidades de confiança – a grupal e social - revelam que:

- Mais de um quarto dos guineenses (27%) goza de alta confiança interpessoal
- Metade da população dispõe de uma confiança média, com forte ênfase na confiança grupal, que alcança 85% desta faixa.
- As pessoas com confiança média baixa, do tipo social, são um segmento minoritário (8%). Nesta faixa média, só 13% têm uma confiança social alta. Em vários aspetos, esta faixa social tem um perfil mais parecido com as pessoas de baixa confiança.
- O outro quarto da população (23%) tem pouca ou nula confiança interpessoal.

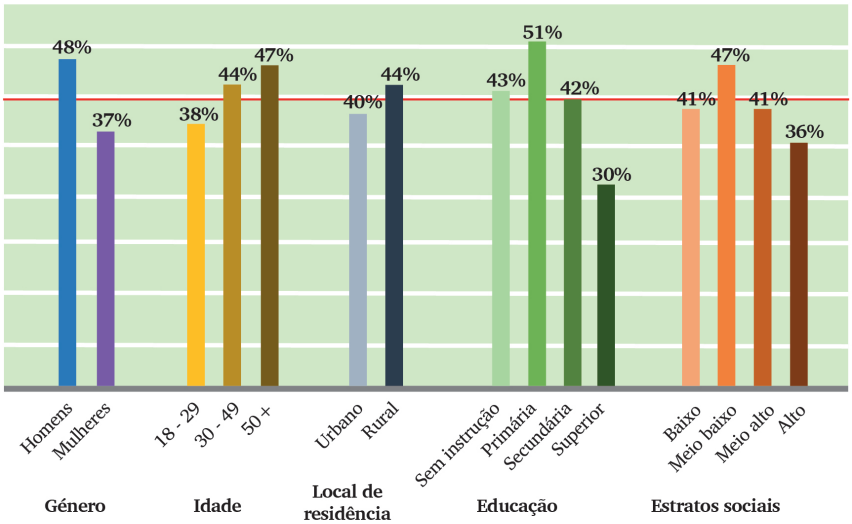
Estas modalidades de confiança incidem de uma maneira apreciável na orientação e no comportamento das pessoas. Isto se percebe, de modo particular, ao comparar as faixas de alta e baixa confiança. Mas antes de examinar este contraste, apresentamos informações sobre a composição social dos quatro tipos de confiança interpessoal.

Alta confiança: Perfil demográfico



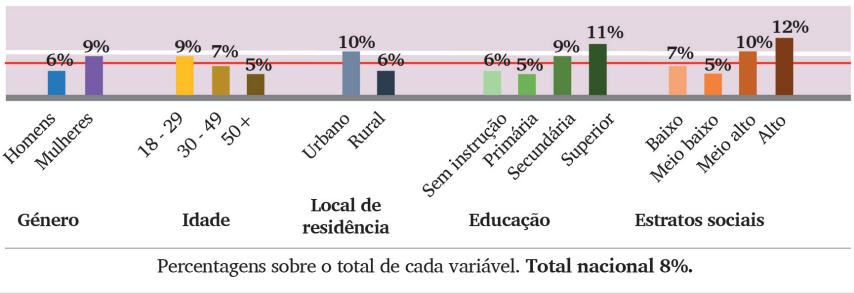
Soma de alto + meio alto em cada subíndice. Percentagens sobre o total de cada género. **Total nacional 27%.**

Confiança meia alta (grupal): Perfil demográfico

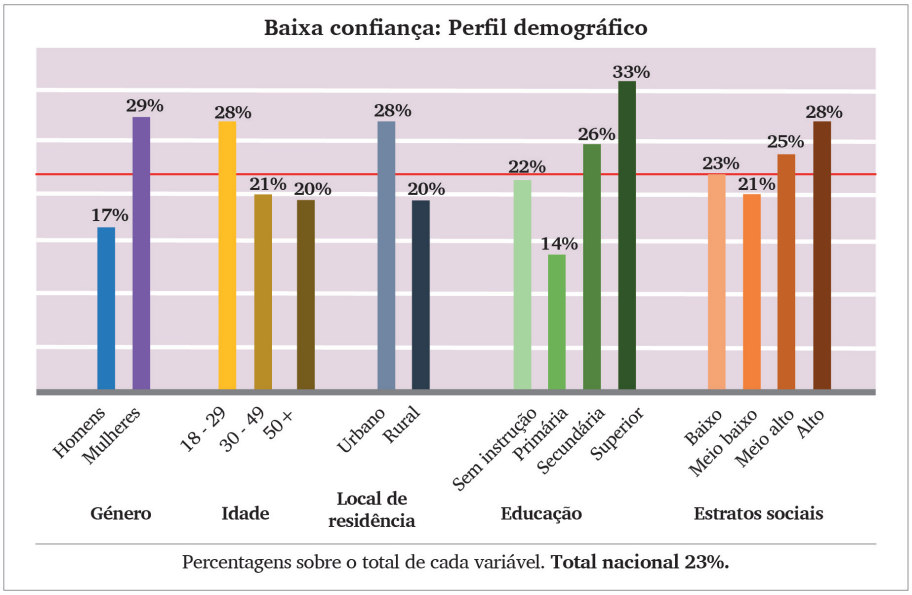


Percentagens sobre o total de cada variável. **Total nacional 42%.**

Confiança meia baixa (social): Perfil demográfico

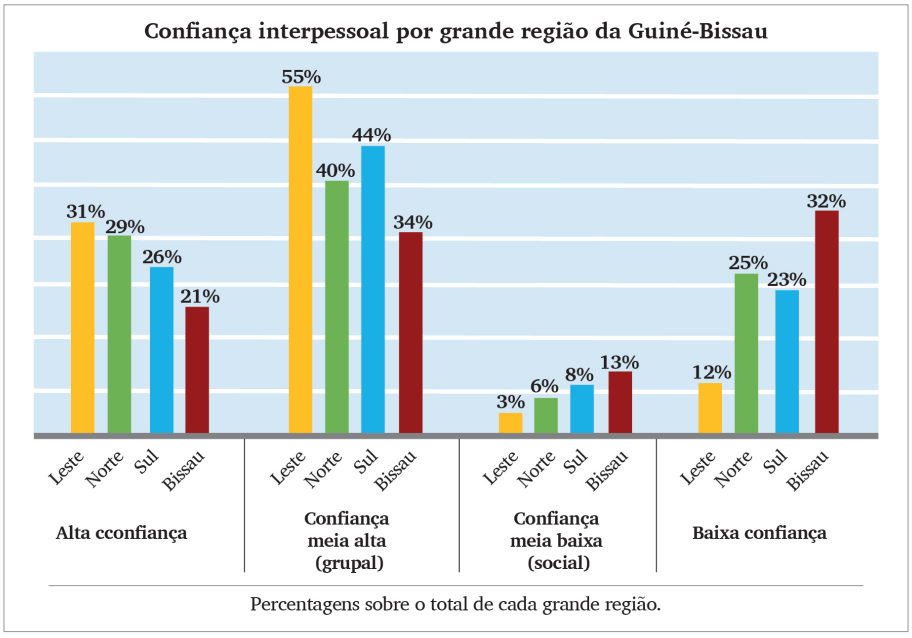


Percentagens sobre o total de cada variável. **Total nacional 8%.**



Há diferenças apreciáveis na composição destas quatro modalidades de confiança interpessoal:

- Os homens e as pessoas com uma idade mais madura apresentam níveis mais altos de confiança do que as mulheres e a juventude.
- Os laços de confiança são mais fortes no meio rural, onde três em cada quatro guineenses sentem uma confiança mais alta.
- Este sentimento também é mais intenso nos estratos sociais mais baixos e entre pessoas de menor instrução: quatro em cada cinco guineenses que só fizeram o ensino primário exibem uma confiança mais alta.
- A confiança interpessoal é mais fraca entre pessoas com algum estudo superior, onde uma em cada três pessoas diz ter pouca ou nula confiança interpessoal.



Quanto à **distribuição territorial** da confiança interpessoal podemos ressaltar o seguinte:

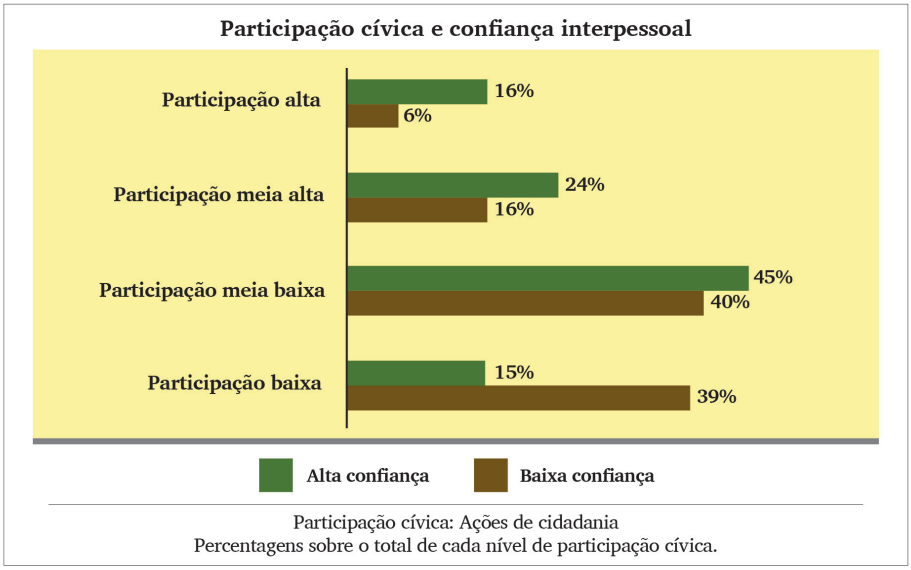
- A região Leste do país regista os maiores índices de confiança interpessoal: a soma da confiança alta e grupal chega a 86% desta população.
- No Leste a confiança grupal é particularmente forte. Na região de Gabu, por exemplo, nove de cada dez habitantes confiam muito nas pessoas que fazem parte da sua vida familiar e comunitária.
- O Norte e o Sul têm níveis comparáveis de confiança. O Norte sobrepõe-se na confiança alta e o Sul na confiança mais grupal.
- Bissau é a região do país com maior grau de desconfiança interpessoal. Um terço dos habitantes da capital tem pouca ou nula confiança em outras pessoas, e 13% têm alguma confiança social, mas pouca confiança no círculo privado e comunitário.

Entre os **grupos étnicos** do país, os Biafadas e os Mandingas (35%), junto com as etnias menores (Outros, 29%) e Fulas (28%) se destacam por ter os níveis mais elevados de confiança interpessoal. Os Fulas (50%), Mandingas (46%), Outros (43%) e Balantas (41%) exibem altos índices de confiança média alta (grupal). Os maiores níveis de desconfiança interpessoal se dão entre os Bijagós (42%), Mancanhas (40%) e Papéis (31%).

A confiança interpessoal tem impacto em várias dimensões da vida social e política da Guiné-Bissau. Isto se percebe com mais clareza ao comparar as orientações de indivíduos com confiança alta e baixa. **Pessoas com maior confiança tendem a participar mais da vida cívica**. Os que têm pouca confiança têm um engajamento mais fraco.

Entre os **militantes partidários**, por exemplo, 88% apresentam um nível de confiança elevado: 45% têm alta confiança e 43% média alta, do tipo grupal. Neste país, o ativismo político é mediado por uma dose importante de segurança e proximidade nas relações interpessoais.

Para visualizar o impacto da confiança na participação cívica, oferecemos uma comparação entre aqueles que possuem uma confiança interpessoal alta e baixa.

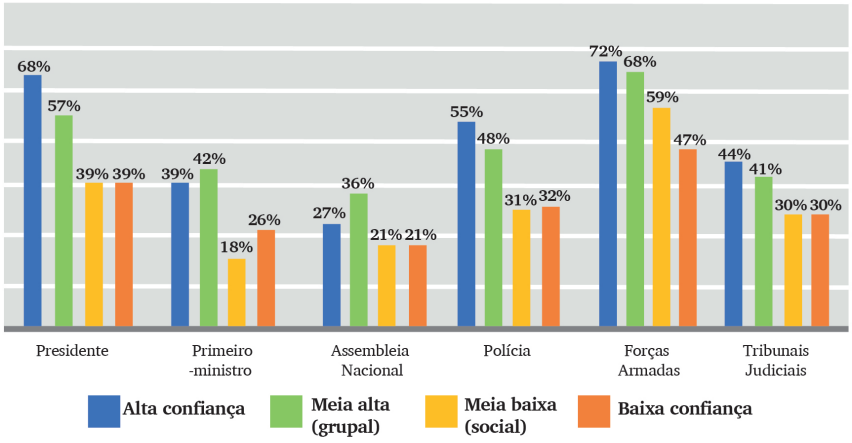


Participação cívica: Ações de cidadania
Percentagens sobre o total de cada nível de participação cívica.

Como se pode apreciar no gráfico, quatro em cada dez pessoas com baixa confiança não têm nenhuma participação cívica. Por outro lado, quatro em cada dez pessoas com confiança alta têm uma participação cívica maior, quase o dobro daqueles com baixa confiança. Os guineenses com alta confiança são mais de duas vezes propensos a reclamar seus direitos, se engajar em associações comunitárias e atuar nos partidos políticos, do que aqueles de baixa confiança.

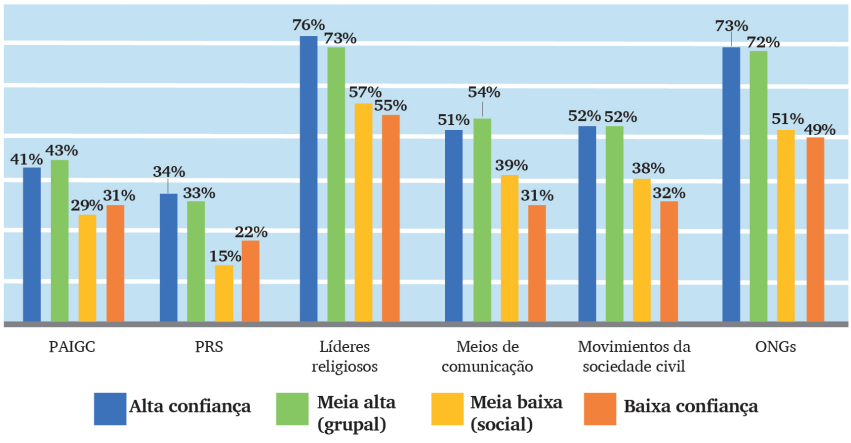
Ademais, **a confiança interpessoal incide no grau de confiança nas instituições e autoridades públicas**. Trata-se aqui de um efeito derrame (*spillover*, em inglês) entre o âmbito pessoal e institucional. Quem se fia com mais facilidade em outras pessoas tem maior probabilidade de acreditar nas autoridades e entidades do país: o presidente, o primeiro-ministro, a Assembleia Nacional, os principais partidos políticos, as forças da ordem – polícia, militares e tribunais –, além de confiar nas lideranças religiosas, os meios de comunicação e as ONGs. Os dois quadros a seguir ilustram o efeito derrame com nitidez.

Confiança interpessoal, nas autoridades e instituições públicas



Confiança nas autoridades e instituições públicas: Confia muito + confia mais ou menos
Percentagens sobre o total de respostas em cada nível de confiança.

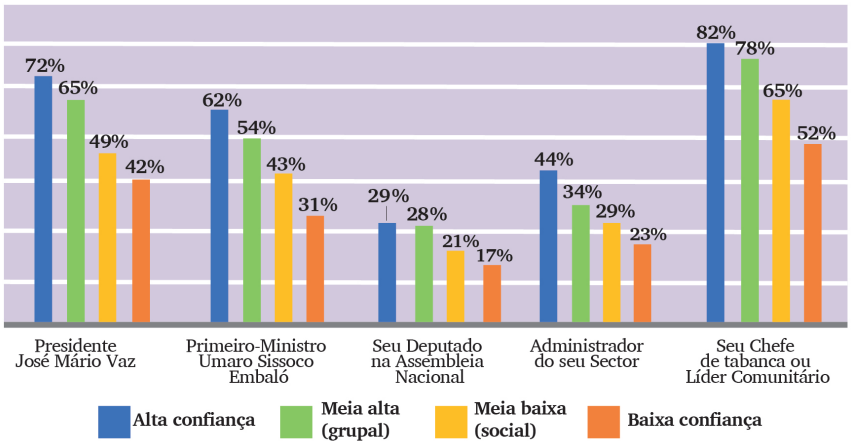
Confiança interpessoal, nos partidos políticos e atores da sociedade civil



Confiança nos partidos políticos e atores da sociedade civil: Confia muito + confia mais ou menos
Percentagens sobre o total de respostas em cada nível de confiança.

O efeito derrame também tem um impacto sobre o nível de aprovação das lideranças políticas e sociais do país. Indivíduos com maior confiança interpessoal são mais dispostos a concordar com a gestão destas autoridades. As pessoas mais desconfiadas, por outro lado, são mais propensas a ser críticas dos poderes constituídos, como se pode apreciar no seguinte gráfico.

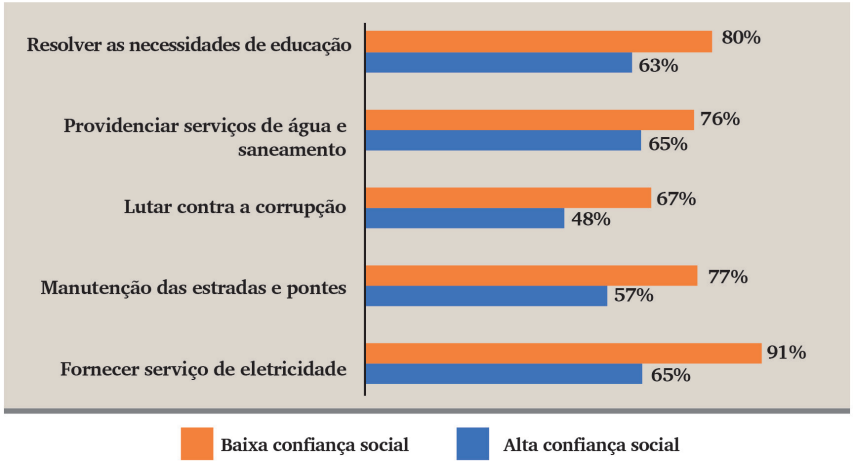
Confiança interpessoal e aprovação das autoridades públicas e sociais



Aprovação das autoridades públicas e sociais: Aprovo fortemente + aprovo
Percentagens sobre o total de respostas em cada nível de confiança.

O exame minucioso da avaliação das políticas públicas do governo mostra que há uma relação entre o grau de confiança social – ou confiança geral – e a intensidade da crítica à gestão do governo. Em 2018, os guineenses tinham uma avaliação muito negativa da atuação do governo em questões que iam da administração da economia e a redução da pobreza ao fornecimento de serviços públicos na área da saúde, do ensino e da água e eletricidade. Em todas estas questões, mais de quatro em cada cinco guineenses tinham uma opinião negativa da gestão do Estado.

Confiança social e intensidade da crítica às políticas do governo



Índice de Intensidade da Crítica às Políticas do Governo: Diferença entre os que acham que o governo está gerindo o assunto público mal (muito mal + mal) e os que pensam que está gerindo bem (muito bem + bem).
Alta confiança social: 8% da população nacional. **Baixa confiança social:** 38% dos guineenses.

Mas o quadro apresentado acima revela diferenças nesta apreciação. O nível de confiança social afeta a perceção destas políticas públicas. Este quadro revela diferenças na apreciação das políticas do governo segundo o nível de confiança social. O índice elaborado para este gráfico mede a intensidade da crítica popular à gestão destas políticas. Aqui, os valores mais altos indicam uma reprovação mais intensa.

O contraste entre os que têm confiança social alta e baixa é palpável. Embora ambas as faixas desaprovem a gestão do governo, os que dispõem de pouca confiança social têm uma atitude muito mais crítica. Esta diferença sugere que entre os que possuem uma confiança social mais alta pode haver um elemento de ingenuidade política. O assunto merece ser explorado melhor. Tudo isto sugere que é importante considerar não só o grau de confiança presente na sociedade, mas também a qualidade dessa confiança.

Outras revelações produzidas pela investigação são apresentadas a seguir de forma sintética:

- Não parece haver uma relação causal entre confiança interpessoal e adesão à democracia.
- Entre as pessoas de alta confiança há um apoio menor à igualdade social, incluindo a de género.

Há uma relação percetível entre confiança interpessoal, engajamento religioso e risco de sectarismo:

- 66% das pessoas com alta confiança têm uma religiosidade mais alta, 20 pontos a mais que as pessoas com baixa confiança.
- O risco de sectarismo entre as pessoas com confiança alta e grupal envolve uma em cada cinco pessoas.
- O risco de sectarismo entre pessoas com confiança mais baixa é três vezes maior e afeta a três em cada cinco pessoas.

Em suma, **as relações de confiança e a participação religiosa mitigam o risco de sectarismo na Guiné-Bissau.**

Conclusão

O conhecimento é uma fonte de poder. Permite diagnosticar problemas e descobrir soluções. Revela oportunidades e riscos. Determina a ideia do possível. O estudo de mineração e análise de dados da sondagem realizada em 2018 revela um campo fértil de ideias em apoio ao desenvolvimento democrático da Guiné-Bissau. Entre as estratégias possíveis, podemos salientar duas relacionadas com o conteúdo deste capítulo:

- **Organizar e empoderar as mulheres** para estender sua participação – e influência – na vida pública do país. Os obstáculos à igualdade de género na Guiné-Bissau são enormes. No entanto, a ampla simpatia popular pelos princípios igualitários deve ser aproveitada para ajudar a superar essas barreiras. As mulheres sofrem de uma sub-representação aguda na vida pública do país – desde o acesso às notícias e o diálogo sobre política, ao ativismo partidário e a sua representação no parlamento. Muito pode ser feito para reverter essa situação. Organizar as mulheres para impulsionar essa mudança e melhorar as capacidades de liderança, especialmente na esfera política, será crucial para esse empenho.

- **Estimular a confiança e motivação.** O desenvolvimento democrático só pode avançar com a força de vontade para o realizar. Em países como a Guiné-Bissau, afligidos por problemas endêmicos e Estados extremamente fragilizados, há uma tendência a prender-se a uma

perceção de fracasso. O complexo de fracasso pode gerar baixa autoestima, desconfiança e uma sensação de falta de esperança, fatores que tendem a enfraquecer os esforços para a procura da mudança. A ação coletiva pode ajudar a superar esses sentimentos, estimular a autoestima e aumentar a confiança. Instrumentos pedagógicos apropriados – incluindo atividades de formação em acampamentos – podem fortalecer essas experiências coletivas. Estas atividades podem aperfeiçoar competências, criar redes sociais, e acender a força de vontade necessária para fazer a diferença.

Referências

Carter, Miguel (2021). *Vozes do povo: Relatório de mineração e análise de dados. A opinião pública na Guiné-Bissau.* Bissau: DEMOS.